JOÃO ANTENOGENES PRUDENCIO DA COSTA

PURPÚREO: AS HISTÓRIAS DO NOME DO BRASIL

SÃO PAULO - SP

2002

FICHA CATALOGRÁFICA

981 Costa, João Antenógenes Prudencio da
C873p Purpúreo : as histórias do nome do Brasil / João Antenógenes Prudencio da Costa. – São Paulo : Costa, 2002.
76 p. : il. : 21 cm.

ISBN 85- 902796-1-8

1. História do Brasil. 2. Cartografia . I. Título.

CDD- 981.0
912.1

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

Índices para catálogo sistemático
1. História do Brasil. 981.0
2. Cartografia 912.1

Foi Feito Depósito Legal.

JOÃO ANTENOGENES PRUDENCIO DA COSTA

ISBN 85-902796-1-8

9 788590 279618

AGRADECIMENTOS

As Bibliotecárias da Universidade São Francisco, Bragança Paulista- SP: Denise Isabel Arten, Josefa Prieto Andres, Maria Helena Borges Benveng.

A AMBITERRA TECNOLOGIA DE MEIO AMBIENTE LTDA, São Paulo- SP, representado por seu diretor Engº Cyro Bernardes Júnior.

Romulo de Souza Campos Marinho, distinto patrocinador desta edição do Dep. Tec. Ass. Informática, Complexo Judiciário Ministro Mário Guimarães, Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo- SP.

DEDICADO

A Deus, seus Encantados e meus Antepassados.

Em especial a esposa Joelma e filha Ester.

REFLEXÃO

"Os seres humanos mais antigos viviam sem maus desejos, sem culpa nem crime e por conseguinte, sem penalidades nem compulsões. Tampouco havia necessidade de recompensas, visto que, pela inclinação da própria natureza, eles seguiam caminhos virtuosos. Uma vez que nada se desejasse contra a moral, nada era proibido através do medo.

Cornélio TÁCITO,
historiador romano, I século d.C.

PENSAMENTO

"Sabemos que no Oceano existe um país fértil, que além do Oceano existem outros países e nasce um outro orbe, pois a natureza das coisas em parte nenhuma desaparece".

Lucius Annaeus SÊNECA
filósofo e senador romano, 4 à 65 d.C.

Sumário

Introdução.....05

Parte I

América do Papa Inocêncio VIII.....11
América do Sul de Clemente VI,.....13
Um nome inventado para Portugal.....15
Obscuros cartógrafos.....16
O mapa de Cantino.....18

Parte II

Francisco Adolfo De Varnhagem e Pompônio Mela.....20
O mapa de Piri Reis.....23
Mapas que não mentem.....33
Donatários esquecidos.....34
Um apóstolo no Brasil.....38
Préstimos clerigais.....40
Ego ferido de Santa Cruz.....41
Henrique José De Souza e o rei Badezir.....42
Uma palavra de origem remota.....43
A versão de H. Cyrus Gordon.....44

Parte III

Brasiae.....47
Caesalpinia Echinata.....49
A roupa nova do Imperador.....50
O circo.....51
Uma cor forte para um homem poderoso.....53
Concluindo.....55
Bibliográfia.....57
Dossiê.....62

INTRODUÇÃO

Este livro condensa uma pesquisa intensa a procura do que existe de verdadeiro sobre a palavra BRASIL. Além de ser o nome de nossa pátria é de uma antigüidade riquíssima, que muitos tentaram apagar, mas que se aflora como um prisma quando lhe bate a luz.

Este lugar já era muito conhecido pelo que parece pelos geógrafos dos reis antigos: País das Amazonas e dos Papagaios

Encontra-se aqui também, por associação um grande e importante conjunto de dados a respeito do nosso "descobrimento" e das circunstancias que o acompanham e outros detalhes esquecidos.

Esta obra tem pretensão de acrescentar um pouco de luz ao mistério da palavra Brasil, que todo mundo fala mas não sabe bem o que é. A não ser o parco conhecimento aludido pelos livros escolares, que sequer fazem real pesquisa a respeito.

O que é mais estranho é o fato de algumas pessoas que escrevem para nossos jovens, jamais se prontificaram a conhecer o nosso interior, as nossa águas, o nosso povo, os nossos dialetos regionais e línguas indígenas, esquecem mesmo até nossos museus e acervos de arte antiga e relatos fidedignos.

É determinado pelos superiores que não devemos iludir os simples e humildes de nossa terra também tem o direito de saber a verdade sobre o magnífico nome do Brasil.

06

Abra, nobre leitor, a porta para sua compreensão e astúcia, como diz o sagrado Alcorão, 96:1-5:

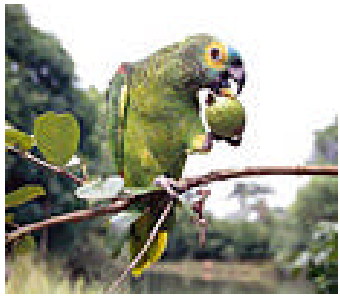
"Lê, em nome do teu Senhor Que criou; criou o homem de algo que se agarra. Lê, que o teu Senhor é Generosíssimo, que ensinou através do cálamo, ensinou ao homem o que este não sabia..

E venha para um passeio a um passado longínquo, que nos leva a palavra Brasil ao transcorrer destes séculos.



Faces de moedas do1º século com a égide do Imperador Julius César.





O Brasil, por gerações foi considerado pelos marinheiros o país dos papagaios. E ainda hoje é considerado o país das aves canoras.

PARTE I

10

AMÉRICA DO PAPA INOCENCIO VIII

Teria a viagem de Colombo à América em 1492 sido apenas uma viagem de retorno?

Muita gente acredita que sim e também o historiador Ruggero Marino. Segundo ele, Colombo chegou pela primeira vez à América não sob o patrocínio do governo espanhol, mas numa missão secreta para o Papa Inocêncio VIII, em 1485.

Mariano aponta duas boas evidências de suas alegações. Primeiro, uma inscrição no túmulo do papa Inocêncio VIII.

Sr. Marino disse que uma prova corrobora para essa dedução: uma inscrição no túmulo do Papa Inocêncio VIII, na Basílica de São Pedro em Roma, em que se lê "'Novi Orbis Suo Aevo Inventi Gloria", significando que durante seu pontificado a glória da descoberta do mundo novo ocorreu.

Inocêncio VIII morreu no fim de julho 1492, três meses antes que Colombo aportasse nas Bahamas. O Sr. Marino disse também que " a inscrição antecipa o sucesso de Colombo ou antecipa mais ainda uma viagem mais adiantada a porvir (a descoberta da América).

Ruggero Marino se baseou nos estudos do professor Bausani, catedrático de estudos islâmicos da Universidade de Veneza, que estudou diretamente no mapa de Piri Reis.

O professor Bausani disse em entrevista em 2001, que “a chave ao mistério de Colombo e das mentiras sobre as Índias está em uma anotação no mapa, que vê quem consulta à massa de terra americana” (no mapa de Piri Reis) estas costas foram descobertas no ano 890 da era árabe pelo infiel de Genova. Corresponde no calendário latino a 1485-86."

Veja também este trecho esclarecedor, que consta um fato estranho: um certo marujo esteve três vezes com Colombo na terra nova, segundo a tradução do Mapa de Piri Reis:

"Ó Colombo, se acontecer como você nos diz, vamos torná-lo kapudan (almirante) deste país." E o dito Colombo foi enviado ao mar Ocidental. O último Gazi Kemal tinha um escravo espanhol. Este escravo disse a Kemal Reis que tinha estado três vezes naquelas terras com Colombo". . Veja Parte II, deste livro.

Note este outro, a respeito da descoberta do Brasil:
E, Pero Vaz de Caminha em sua carta de 1º de maio de 1500 diz:

"... e assy seguimos nosso caminho por este mar, de longo, até terça-feira de oitavas de paschoa, que foram vinte e um dias de Abril, que topamos alguns signaes de terra."

Navegar "de longo" no linguajar da época, significava "atravessar". Assim a esquadra de Cabral saiu de Lisboa para atravessar o Oceano Atlântico e não para costear a África ou dela se afastar ligeiramente com receio de calmaria.

Também cabe ressaltar que em nenhum momento do percurso a esquadra de Cabral foi atingida por tempestades que os impelissem à uma mudança no plano elaborado em Lisboa, como se afastar da costa da África.

AMÉRICA DO SUL DE CLEMENTE VI

Os escritos publicados pelo erudito jesuíta Manoel Fialho, diz:

"Em 12 de Fevereiro de 1343, como era de praxe, comunicou ao Papa Clemente VI o grande acontecimento, em carta escrita por Montemór-o-Novo. E assim se expressou:

"Diremos reverentemente à Vossa Santidade que os nossos naturais foram os primeiros que acharam as mencionadas ilhas do ocidente... dirigimos para ali os olhos do nosso entendimento e, desejando pôr em execução o nosso intento, mandamos as nossas gentes e algumas naos para explorarem a qualidade da terra, as quais, abordando as ditas ilhas, se apoderaram, por força, de homens, animais e outras coisas e as trouxeram com grande prazer aos nossos reinos."

E apoiado nas anotações do escritor Assis Cintra, temos a seguinte confirmação:

_Um dia aportou em Lisboa um dos capitães, mandado nas expedições de reconhecimento:

"Sancho Brandão". Desgarrando-se no "mar do ocidente", castigado por tempestades e impelido por uma corrente misteriosa, o capitão Sancho abordara uma nova terra, habitada por homens nus e opulenta em árvores de tinta vermelha. Tentara contorná-la, navegando para o norte. Não o pôde, porém descobriu mais ilhas. Carregando consigo alguns homens e algumas produções da terra, Sancho e seus marinheiros velejaram para Portugal, ansiosos para incrustarem na coroa portuguesa a glória do primeiro descobrimento nos mares do ocidente".

Então quem foi que inventou a história do Nome do Brasil, que aparece nos livros infantis?

Foi D.Afonso IV, que batizou a grande ilha com o nome de "Ilha do Brasil", indicando que era o local onde encontrava-se a árvore pau-brasil. Por causa obviamente do texto do nosso amigo acima citado e não bem por causa de Américo Vespúcio.

Acrescenta-se que também que foi enviado ao Papa o mapa da região, constando nele inscrita a menção "Insulas do Brasil ou de Brandan", que segundo Cabral, era como o Brasil se tornara conhecido na antigüidade. E mais de vinte mapas mostram e em lugares diferentes, a ilha Hy Brazil, também chamada de São Brandão. um nome certamente inventado por comerciantes para guardar segredos de viagem.

Veja posteriormente a confirmação deste meu pensamento na página 27, o texto traduzido do antigo mapa de Piri Reis, quando ele se refere a esta terra que não era citada pelos “portugueses infiéis” .

UM NOME INVENTADO PARA PORTUGAL

Hy Brazil, essa ilha mitológica dizia-se que tinha a capacidade de se afastar quando as embarcações dela tentavam aproximar-se, o que explica o motivo por que a sua localização mudava de mapa para mapa; teria sido descoberta e colonizada por, 460 d.C, monge irlandês que partira para o mar no ano 565 d.C, contando então 105 anos de idade.

São Brandão foi em busca de um local retirado para dedicar-se inteiramente à meditação, ao culto de Deus. Por esta versão o nome Brasil vem do celta bress (abençoar) e por conseguinte- Hy Brazil (terra abençoada), neste termos veremos mais adiante que o significado pode perfeitamente ser bem outro. Uma poesia do século XIV, localizada em bibliotecas da Europa, reza o seguinte:

E em 1376... ... *"and Brasil of Portugali"*.

No "Magagion" do ano de 1376, (R. of Taliensen, XII, 144), consta *"...and Brazil of Portugal"* .Portanto, essa era a expressão inglesa para definir essa área da terra sul-americana que os lusos colonizariam mais tarde.

No ano de 1380 o vocábulo brasil aparece na Inglaterra em versos:

"He looketh as a span hawk his eyen
him need not his colours for to dyen,
with brasil; no with grain of Portugal"

Que, na tradução temos:

Ele olhou como um falcão na estepe,
seus olhos não necessitavam de cores para tingir,
com Brasil nem com grãos de Portugal.

OBSCUROS CARTÓGRAFOS

Os mapas do século XIV, posteriores a 1343, inserem uma ilha no Oceano Atlântico, aproximadamente na posição atual da região nordeste da América do Sul e com uma configuração semelhante a atual.

Isso significa portanto, que após o ano de 1343 a América do Sul foi explorada pelos portugueses e considerada uma possessão.

Em 1375, Carlos V, então Rei da França, determinou a um cartógrafo de Maiorca que copiasse o mapa português, com ordens de também corrigir e ampliar este mapa com base nas explorações efetuadas entre 1343 e 1375.

Essa carta geográfica encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris (Etnografia, 11, 132.c.XVI) podendo nela ser vista a "ilha de Brasil", sua formação e localização geográfica na América do Sul. Neste mapa encontra-se a tal "ilha", onde era encontrado o pau-brasil, com a conformação e posição aproximada da América do Sul.

No mapa-múndi de Ranulf Nyggeden, elaborado em 1360, também encontra-se o desenho da América do Sul, citada como ilha "Ilha do Brazil". Encontra-se ele no British Museum, em Londres.

Em um Mapa de 1482, feito pelo cartógrafo Gracioso Benincasa, em Ancona, em Itália, indicando: 1-costa portuguesa; 2-costa africana; 3-«Isola de Braçill»; 4-«Antília».

A América do Sul também aparece em outras importantes cartas cartográficas, como a de Nicolao Zeno (ano de 1380), Bechario (1435) e Andrea Bianco (1436 e 1448). No mapa de Pero Vaz Bisagudo também apresentaria a posição da "ilha" do pau-brasil a distância de 1550 milhas das ilhas de Cabo Verde.

Com o nome "ilha do brasil" aparece no globo terrestre de Martim Behaim, elaborado em 1487 e reproduzido na Alemanha em 1492, antes do "descobrimento da América" (a reprodução é de março e o descobrimento em outubro).

O João Martim, cosmógrafo e médico da esquadra de Cabral, em carta ao rei de Portugal, datada de 01 de maio de 1500, indica ao seu soberano procurar o "Mapa Bisagudo", que era muito antigo, diz ele, e onde se encontraria a localização verdadeira da terra na qual Cabral aportara, vejamos o texto original:

"Quanto, Senor, el sytyo desta terra mande vosa alteza traer um mapamundi que tyene Pero Vaaz Bisagudo e por ahi podra ver vossa alteza el sytyo desta terra, em pero aquel mapamundi non certifica esta terra ser habytada ou no: és mapamundi antiguo".

No século XIV, os planisférios dos cartógrafos Solleri, Mediceu Branco e Pinelli já mostravam uma "ilha Brasil", situada sempre a ocidente do arquipélago dos Açores.

O MAPA DA CANTINO

A primeira carta geográfica onde aparecem referências inequívocas ao Brasil real é o mapa de Cantino.

Foi feito por um cartógrafo português, cuja traição foi descoberta tardiamente mas, punida com a pena de morte e seu sobrenome e o de todos os seus descendentes condenado ao perpétuo desterro. Teria o vendido, em 1502 ao espião italiano Alberto Cantino, o qual o enviou secretamente ao seu senhor o nobre italiano Hércules D'Este, o Duque de Ferrara, que por esse documentou pagou uma alta soma - 12 ducados em 1502- um ducado equivalia a 3,5 gramas de ouro.

Este cartografo deu a Cantino o mais fabuloso mapa-múndi de sua época e o primeiro a registrar o litoral brasileiro, do Amazonas a Cabo Frio, RJ. O mapa de Cantino foi adquirido em 1889 pelo Diretor da Biblioteca de Módena, Giuseppe Boni que o levou para sua atual morada na biblioteca da Universidade de Módena, Itália.

Fato curioso é que para se ter condições de cartografar tamanha área de terras, rios e mar havia a necessidade de um aparato enorme de geógrafos, capitães e outros práticos, tantos especialistas que na época faltavam até para os serviços básicos das cortes européias. Veja nas páginas centrais deste livro uma reprodução dele.

PARTE II

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEM E POMPÔNIO MELA

Como explicar esse minucioso desenho do litoral brasileiro?

Sem dúvida alguma já existia na época, um conhecimento seguro e confirmado da configuração litorânea dessas terras a oeste do Atlântico, conforme apresento reproduções neste livro.

Historiadores portugueses atuais como Luciano Pereira da Silva e Jorge Couto são de opinião que Duarte Pacheco Pereira, o mesmo que tinha sido negociador do Tratado de Tordesilhas e autor do *"Esmeraldo de Situ Orbis"*, deixou indícios de que estivera no Brasil cuja costa do Maranhão e a foz do rio Amazonas teria visitado quatro anos após a assinatura do tratado acima, em 1498.

Duarte Pacheco Pereira foi um dos capitães da expedição comandada por Pedro Álvares Cabral, teria recebido a incumbência real de explorar a Ilha do Brasil identificando suas exatas coordenadas astronômicas para “El Rei”.

No *"Esmeraldo do Situ Orbis"*, Duarte Pacheco afirma que:

"É achada e navegada uma tão grande terra firme com muitas grandes ilhas adjacentes a ela que se estende a setenta graus de ladeza da linha equinocial, contra o pólo ártico".

Essa versão foi de fato guardada em rigoroso sigilo pelos sucessores dos monges: os cavaleiros da Ordem de Cristo, verdadeiros financiadores e patrocinadores dessas expedições que deram sumiço aos outros documentos comprometedores. Pelo gerenciamento da Ordem é que as caravelas e as naus exibiam em suas velas redondas a Cruz dita "de Cristo", símbolo da extinta Ordem, quando chegaram ao Brasil.

Aparece aqui, Mestre João, que foi médico e astrólogo de D. Manuel I, ele foi o primeiro a descrever, por meio de instrumentos e a dizer onde estava realmente o Brasil, na sua carta de 28/04/1500.

Essa associação de Cabral e Mestre João, consta na certidão de nascimento do Brasil, escrita por Pero Vaz de Caminha, que ficaria perdida até Fevereiro de 1773, ano em que foi descoberta pelo guardador da Torre do Tombo, José Seabra da Silva.

Mas a carta de Mestre João, confirmando essa associação, só seria encontrada em 1843 pelo historiador, brasileiro e paulista Francisco Adolfo de Varnhagem, também no meio da papelada imensa e empoeirada da Torre do Tombo, Portugal.

O historiador português Sousa Viterbo chegou à conclusão de que Mestre João era Joam Farás, bacharel em artes e medicina, físico e cirurgião particular do rei D. Manoel I.

Esse Joam Farás era um cristão-novo, natural da Galíza, Espanha e se acredita que tenha se fixado em Portugal por volta de 1485, tendo sido o tradutor do livro *De Situ Orbis* (Uma Descrição do Mundo) escrito em latim clássico, no século I d.C., pelo geógrafo romano Pomponio Mela, nascido na Espanha .

Foi devido a essa tradução que Sousa Viterbo conseguiu identificar Mestre João, também astrônomo e astrólogo de D. Manoel que diariamente queria saber o que lhe revelavam os astros. Ele enviou ao rei D. Manoel, o seguinte texto:

" Mande Vossa Alteza trazer um mapa-múndi que tem Pero Vaz Bisagudo e por aí poderá V..Alt. ver o sítio desta terra; mas aquele mapa-múndi não certifica se esta terra é habitada ou não; é mapa antigo e ali achará Vossa Alteza escrita também a (fortaleza da) Mina".

Fortaleza da Mina era um “ponto de amarração”, para que o local do mapa onde estaria o Brasil fosse entendido, portanto fortaleza da mina de um lado e Brasil do outro lado oposto do oceano. Confirmando os escritos acima, o historiador português Carlos Malheiro Dias, em 1921, descobriu em velhos documentos um tal:

“Pero Vaz da Cunha " d´alcunha Bisagudo, capitão-mor da armada de vinte galés enviadas com muita e luzidia gente, assim d´armas como oficiais, para a construção da fortaleza da Mina".

Da Mina, é o nome reduzido da Fortaleza de São Jorge da Mina , no litoral da República de Ghana, Africa Ocidental, hoje chamada Elmira. Foi edificada pelos portugueses em 1482 e conquistada pelos holandeses em 1637, funcionava como entreposto de monopólio da coroa portuguesa, concebida para comerciar o ouro em proveito exclusivo do rei de Portugal, daí o obvio conhecimento de sua alteza do mapa de Bisagudo e da posição aproximada de onde estaria o Brasil.

O MAPA DE PIRI REIS

O mapa de Piri Reis é o primeiro que resistiu ao tempo, nele temos desenhado a América do Norte, a América do Sul, a Groenlândia e a Antártica, que ainda não tinham sido descobertas naquela época.

O mapa foi feito por um almirante turco, Piri Ibn Haji Mehmed. Sendo a palavra Reis significando almirante. O mapa ficou perdido e somente descoberto em 1929, por um grupo de historiadores que trabalhava em um dos prédios do Palácio Topkapi, em Istambul.

Por causa da riqueza de detalhes, muito se tem especulado a respeito desse mapa. Alguns até acham que ele, de tão perfeito, só poderia ter sido elaborado a partir de fotografias aéreas tiradas de grande altitude, coisa que bem pode ser verdade...

O mapa de Piri Reis não foi feito como os mapas modernos, foi feito com grades verticais e horizontais para facilitar a localização, é o método utilizado mais antigo, aperfeiçoado por Dulcert Portolano, que utilizava uma série de círculos com linhas se irradiando a partir deles.

Os mapas feitos com esse método são, por isso, denominados de mapas "portulanos". Seu objetivo era guiar os navegadores de “porto a porto”, ao contrário da concepção moderna que é a de localizar uma posição através de coordenadas de latitude e longitude. Com isso, fica mais difícil comparar as características do mapa de Piri Reis com os mapas modernos. Mas o mapa de Piri Reis também tem inúmeras anotações, inclusive sobre a descoberta do Novo Mundo feita por Colombo.

Piri Reis, foi um daqueles grandes navegadores como Burak Reis, Kemal Reis, Muslahiddin Reis, Barbaros Hayrettin, Turgut e Kilic Ah, que ao final do século XV e durante o século XVI, obtiveram grandes vitórias para a armada turca nos mares.

Suas idéias a respeito de cartografia em geral estão registradas em versos. Dizia que desenhar mapas exige técnicas e conhecimentos profundos e creditava que o menor erro tornava inútil o mapa.

Para que se tenha uma idéia de como ele era fiel aos princípios de precisão e exatidão, basta que se estude seus mapas. Ao confeccionar este mapa, como um marinheiro devotado à sua profissão, ele se utilizou de todos os recursos disponíveis na época.

Na introdução ao seu "Kitabi Bahriye" (livro de memórias de 1513) ele se refere ao mapa e diz que recorreu a todos os mapas conhecidos, inclusive os dos mares chineses e do oceano Índico, que eram desconhecidos no ocidente naquela época. Registra que o mapa foi presenteado ao sultão Selim II

De uma nota escrita pelo autor, conclui-se que o mapa foi feito entre março e abril de 1513 (919 da Hégira). Nessas notas, Piri cita suas fontes e uns vinte mapas que teriam sido utilizados por ele. Seis deles eram mapas-múndi, quatro desenhados pelos portugueses, um indiano em árabe e um de Cristóvão Colombo sobre o hemisfério ocidental.

O mapa foi pintado em 9 cores sobre pele de animal, data de 1513 e mostra o oceano Atlântico com suas terras. Em uma série de notas escritas de seu próprio punho, o almirante Piri Reis diz que não é responsável pelo mapeamento e pela cartografia original dos mapas e que foi confeccionado a partir de mapas originais, desenhos e esboços, alguns de origem "desconhecidas".

O ponto mais importante a ser notado aqui é o fato de que Piri Reis, quando fez o seu mapa, tinha em mãos um mapa de Colombo. O mapa de Colombo em poder de Piri Reis foi feito em 1498 e, uma vez que sabemos que Kemal e Piri Reis tinham lutado contra os espanhóis em 1501, é muito provável que Piri Reis tenha conseguido o referido mapa durante esta guerra.

Embora Piri Reis tenha desenhado um mapa do mundo inteiro, a parte que chegou até nós se refere às costas ocidentais da Europa e África, o oceano Atlântico, as Américas do Norte e Central.

No caso do Brasil note, com especial atenção o seguinte trecho da tradução da SBMRJ- Sociedade Beneficiente Mulçumana do Rio de Janeiro, que se ajusta muito bem com a versão de Cyrus Gordon, que aparecerá em capítulo posterior e também pelo fato da tinta vermelha não ser chamada pau-brasil:

I –" Há uma espécie de tinta vermelha, chamada de "vakami", que não é percebida à primeira vista, porque está a uma distância ... as montanhas têm ricos minérios ... Lá, algumas ovelhas têm penugem sedosa.

Veja abaixo os trechos do livro "The Oldest Map of America" do mesmo Dr. Alef Inan, Ankara, 1954. Traduzido nestas partes, pela SBMRJ- Sociedade Beneficiente Mulçumana do Rio de Janeiro, "Presença Mulçumana nas Americas, O mapa de Piri Reis, o mais antigo da América", que aqui descrevo em trechos:

II - Este país é habitado e sua população não usa roupas.

III - Esta região é conhecida como o vilayet de Antilha. Está do lado onde o sol se põe. Diz-se que há quatro espécies de papagaios, branco, vermelho, verde e preto. As pessoas comem a carne de papagaio e seus enfeites de cabeça são feitos com as penas deles. Há uma pedra aqui. Lembra uma ... preta. Eles usam isto ao invés de machados. É muito difícil (ilegível).

Vejamos, se Piri Reis escreve em seu "Bahriye": "Nos navios inimigos que capturamos no Mediterrâneo encontramos um enfeite de cabeça feito com aquelas penas de papagaio e também uma pedra como aquela."

IV - Este mapa foi feito por Piri Ibn Haji Mehmed, conhecido como o sobrinho de Kemal Reis, em Gallipoli, no mês de Muharrem, do ano de 919 (isto é, entre 9 de março e 7 de abril de l513).

V - Esta seção fala sobre como essas praias e ilhas foram descobertas. Esta região foi denominada como litoral das Antilhas. Elas foram descobertas no ano de 896 do calendário árabe, mas diz-se que um infiel, seu nome era Colombo, foi quem descobriu aqueles lugares.

Por último, Gazi Kemal tinha um escravo espanhol. Este escravo disse a Kemal Reis que tinha estado três vezes naquelas terras com Colombo. "Primeiro alcançamos o Estreito de Gibraltar, de lá, na direção sul e oeste entre as duas (ilegível).

...XIV – Diz-se que em tempos remotos, um padre de nome Sanvolrandan (St. Brandan) viajou pelos Sete Mares, assim eles dizem. O referido padre sobre este peixe. Eles acharam a terra seca e acenderam um fogo sobre este peixe, quando as costas do peixe começaram a queimar ele mergulhou no mar, eles reembarcaram nos botes e fugiram para o navio. Este fato não é mencionado pelos portugueses infiéis.
_Foi tirado de um antigo Mappae Mund que foi apanhada por uma tempestade e chegou a esta terra. Os detalhes estão escritos na extremidade do mapa".

Os mapas portulanos e os manuais escritos depois do século XIV, mencionam a ilha do "Brasil" e em 1414 a ilha de " Cipango" e a Antilha são mostradas. Acredita-se que entre 1474 e 1482, Toscanelli enviou um portulano, juntamente com uma carta, a Cristóvão Colombo.

Naquela carta, supõe-se que ele tenha dito que de acordo com o testemunho de muitos que tinham feito aquele caminho, se mantivesse a direção oeste, eventualmente poder-se-ia alcançar a Ásia. De acordo com o que De la Ronciere escreveu, o mapa português foi desenhado entre 1488 e 1493.

A informação se espalhou por todo o mundo depois de 1507, quando Américo Vespúcio escreveu numa carta que se tratava de um novo continente, ao qual deu o nome de 'Novus Mundus". St. Die, que publicou a carta, sugeriu o nome de "América".

Tive o privilégio de conseguir uma cópia digitalizada de boa qualidade, do mapa de Piri Reis, que faço conter neste livro e ampliei-o dezenas de vezes em computador e digitalizei alguns pedaços, além disso fiz uma análise de outros mapas portulanos da mesma época e pude confirmar que o capitão Reis era excepcional desenhista e exímio cartógrafo. Seus traços são ricos, exatos e as linhas tem alta nitidez e certeza. Além do que, juntar mapas antigos e ajusta-los com precisão é uma tarefa muito penosa.

Em 1953, um oficial da marinha turca enviou uma cópia deste mapa ao engenheiro-chefe do Departamento de Hidrografia da Marinha Americana, que alertou por sua vez Arlington H. Mallery, um especialista em mapas antigos. Foi então quando o "caso" das cartas de Piri Reis tomou vulto mundial.

Arlington H. Mallery, fez estudar as cartas por algumas das maiores autoridades mundiais do assunto, como o cartógrafo I. Walters e o especialista polar R. P. Linehan. Com a ajuda do explorador sueco Nordenskjold e pelo geofísico Prof. Charles Hapgood e seus auxiliares, chegaram a algumas conclusões importantes sobre o mapa do comandante Reis.

O sistema empregado na confecção do mapa de Piri Reis era exato. Além disso, o mapa traz desenhadas, na parte da América Latina, algumas lhamas, animais desconhecidos na Europa no século XV. Note que o mapa foi feito em couro, apresenta um dos lados todo desenhado e do outro esta rasgado, portanto, deveria existir um outro complementar do lado direito.

O resultado da pesquisa citada, em tradução do livro de Charles Hapgood " Maps of the ancient Sea Kings" , ao qual apresento abaixo em sua tradução:

_Carta ao Prof C.Hapgood pelo capitão Lorenzo W.Burroughs, chefe do USAF, em Julho de 1960. Resposta:

" Não é muito frequente nós temos a oportunidade de avaliar mapas da origem antiga. O Piri Reis (ANÚNCIO 1513) e os mapas de *Oronteus Fineaus* (ANÚNCIO 1531) emitidos a nós por você, apresentado um desafio delicioso já que não era prontamente concebível que poderiam ser assim tão exatos sem ser forjados.

Com entusiasmo adicionado nós aceitamos este desafio e após muitas horas no dever de avaliamos seu manuscrito e os mapas acima. Eu estou certo que você estará satisfeito saber que nós concluímos que ambos estes mapas estiveram compilados dos mapas originais exatos da fonte, em respectivas datas. O seguinte trecho é um sumário breve de nossas observações:

A solução da projeção de Portolano usada pelo almirante Piri Reis, desenvolvido por sua classe na cartografia deve estar muito precisa, quase correta; para quando as posições geográficas conhecidas são verificadas dentro o relacionamento à grade computada pelo Sr. Richard W. Strachan (MIT), há um acordo notavelmente próximo.

A- O uso de Piri Reis' da projeção de Portolano (centrada em Syene-Cairo no Egito) é uma escolha excelente, porque ele é uma superfície desenvolvida que permita o tamanho e a forma relativos da terra na latitude, a ser retida. É nossa opinião que aqueles que compilaram o mapa original tiveram um conhecimento excelente dos continentes cobertos por este mapa.

B . Como indicado pelo tenente-coronel Harold Z. Ohlmeyer em sua carta de 06 de Julho de 1960 ao Sr.:
_A terra da princesa Martha e da rainha Maud na Antártica, parece ter sido representado verdadeiramente no setor do sul do mapa de Piri Reis.

Nota do ten-cel Harold Z. Ohlmeyer:

"*A alegação de que a parte inferior do mapa mostra a costa Princesa Martha, da Terra da Rainha Maud, na Antártida, e a península Palmer é razoável. Julgamos ser essa a interpretação mais lógica, e com toda propabilidade, correta do mapa. Os detalhes geográficos mostrados na parte inferior do mapa concordam, de forma notável, com os resultados do perfil sísmico, levantado de um lado a outro da calota polar, pela Expedição Sueco–Britânica à Antártida, realizada em 1949. Os resultados indicam que a linha costeira foi mapeada antes de ser coberta pela calota polar. A calota polar nessa região tem atualmente uma espessura de cerca de 1600m. Não temos idéia de como os dados constantes do mapa podem ser conciliados com o suposto estado dos conhecimentos geográficos em 1513*".

C . É nossa opinião que a exatidão das características cartográficas mostradas no mapa de *Oronteus Fineaus* (ANÚNCIO 1530) sugere, além de uma dúvida, que esteve compilada também dos mapas exatos da fonte da antártica, mas neste exemplo do continente inteiro. O exame próximo provou que os mapas originais da fonte devem ter sido compilados em uma hora em que a massa da terra e os canais internos do continente estivessem relativamente livres do gelo.

Esta conclusão é suportada mais uma vez, pela comparação do mapa de Oronteus Finneaus com os resultados obtidos por equipes do Ano Geofísico Internacional em suas medidas do topograficas subglaciais. A comparação sugere também que os mapas originais da fonte (compilados na antiguidade remota) estiveram preparados quando antártica estava presumivelmente livre de gelo. A projeção de Cordiforme usada por Oronteus Fineaus sugere o uso de matemática avançada.

Mas a forma dada ao continente antártico sugere a possibilidade, e não a probabilidade, que os mapas originais da fonte estiveram compilados em um tipo esferográfico ou gnômico de projeção.

D. Nós somos convencidos que os resumos feitos por você e por seus associados são válidos, e que levantam as perguntas extremamente importantes que afetam a geologia e o historia antigas, perguntas quais requerem certamente uma investigação mais adicional.

Nós agradecemo-lo, estendendo a nós a oportunidade de ter participado nos estudos destes mapas. Os seguintes oficiais e aviadores foram voluntários na hora de ajudar ao capitão Lorenzo W. Burroughs nesta avaliação:

O capitão Richard E. Covault. CWO Howard D.Minor.
MSgt Clifton M.Dover.
MSgt DAvid C.Carter.
TSgt James H.Hood.
SSgt James L.Carroll.
AIC don R.Vance.
Lorenzo W.Burroughs- Capitão da USAF – Chefe da Seção Cartografica do 8º Esquadrão Técnico De Reconhecimento (SQDN-SAC) Westover, Massa. USA.

O Sr. L. W. Burroughs contava em 1992 com 40 anos dedicados a interpretação de aerofotos e mapas para o serviço militar e de inteligencia norte-americanos, tinha a patende de Coronel e servia como diretor consultivo da National Photographic Interpretation Center.

Para ilustrar, existe um mapa feito pelo mesmo orgão cartográfico na época deste estudo, que em reprodução digitalizada da foto original encontra-se nas páginas centrais deste livro.

MAPAS QUE NÃO MENTEM

Em Outubro de 1969, em Viena de Áustria, o Dr. Günther Hamann, historiador renomado, diretor do Centro de Estudos Históricos da Universidade de Viena, referiu-se-nos também à descoberta do Brasil observando que esse feito de Cabral simbolizara somente a oficialização política do que já fora descoberto de fato, vários anos antes, por outros navegadores. Destacou a política de "segredo" que então se praticava e a espionagem que genoveses e espanhóis tinham organizado em Lisboa.

Esse volumoso e inédito, obviamente não impresso no Brasil, tratado sobre os descobrimentos ibéricos, editado pelo CEH da Universidade de Viena aborda nitidamente o tema. Ele demandou dez anos de pesquisas incessantes, que lhe renderam enorme prestigio internacional, a ponto de haver sido convidado para se deslocar às cidade do México e Moscou para proferir conferências a respeito do conteúdo da sua monumental obra, mas curiosamente não lhe mereceu um convite para visitar Portugal.

Se tão vultuosa figura ficou a mercê das ondas de descontentamento, o que se dirá dos outros tantos esquecidos, de onde sairia seu grito de revolta?

_Afirmo leitor, está tudo nos seus mapas, que não mentem...

DONATARIOS ESQUECIDOS

O erudito Romulo de Sousa Campos Marinho me relatou que existiu o “Testamento de Adão”, certificado pelo pontificado apostólico da época, que dividiu a Terra em duas partes: uma para os castelhanos e outra para os lusos, incluindo para estes, as terras a descobrir. Assim atestando que já se sabia da existência de terras imensas e vastas além do Oceano Atlântico, que foi depois conhecido mundialmente como Tratado de Tordesilhas.

Incrível, mas possível, como se pode verificar abaixo:

_Quando na 1ª Dinastia, de Afonso I, Portugal cedeu politicamente e concordou com o enfeudamento da Santa Sé, sob os auspícios do Papa Inocêncio V, em 5 de Outubro de 1143, só em Maio de 1179 o grande Afonso recebeu o título de Rei pela Bula "Manifestis Probatum" assinada pelo Papa Alexandre III; assim também, como grande parte da velha Europa, Portugal estava sob as leis da igreja.

Daí após duzentos anos, sendo suprimida pelo Papa Clemente V, a Ordem do Templo acabou. (cito a Bula "Ad Ea Ex Quibus", de 1319, assinada pelo Papa João XXII), sendo que após isso os reis portugueses foram "contemplados" com o Grão-Mestrado da Ordem dos Cavaleiros de Cristo que substituiu a Ordem dos monges Templários da Cruz de Malta.

Assim culminando que em 1494, os reis de Portugal e Castella assinaram o Tratado de Tordesilhas; seus geógrafos traçaram uma linha divisória no Globo, de norte a sul, 370 léguas ao poente da Ilha de Santo Antão, em Cabo Verde. O seu meridiano de demarcação atingia a foz do Rio Amazonas e passava o Rio da Prata.

Com as fortunas anexas, e o consentimento tácito do Papa, a Monarquia portuguesa deu condições ao Infante D. Henrique para construir, em 1412, a Escola Náutica de Sagres.
E foi também nomeado pelo Papa como Regedor da Ordem de Cristo, instalando-se posteriormente no Castelo de Tomar com toda a sua corte.

Apresento a seguinte seqüência de fatos, para melhor apreciação:

_O rei D. Diniz, em 1300, ordenou a plantação de um extenso pinhal em Leiria, próximo ao centro templário situado em Tomar, com o intuito de ter madeira para formar uma grande Armada.

_Na Bula "Rex Regum", do Papa Martinho V, em 1418, ordenou a pregação da Cruzada e, dois anos depois, o Infante, D. Manuel recebeu a incumbência de administrar a Ordem de Cristo pela Bula "In Apostolicae Dignitais Specula", sendo que uma das empreitadas seria a busca do Santo Graal numa terra mágica tida como "centro do mundo".

Conclui-se portanto que, “Insulla Brazil”, na 17º latitude sul nos mapas antigos e para quem é iniciado, deve-se recordar que o número 17 é também do grau filosófico da G.L. Maçônica ou mais precisamente o Grau do Cavaleiro do Ocidente e do Oriente, sendo que a "insulla" pode também simbolizar muito bem o meio caminho entre as duas culturas:
_as duas colunas preta e branca, no centro do mundo, a parte de baixo da terra e o caminho para o inferno mitológico.

Que posteriormente, a história fez realizar no Brasil, esta miscigenação teórico-filosófica.

O Brasil sem dúvida teve Donatários e Espiões, bem antes do seu “redescobrimento cabraliano”.

DONATÁRIOS ?

Em 2 de março de 1450 o Infante de Portugal doou ao fidalgo flamengo Joe Van Den Berge, natural de Bruges, e vulgarmente conhecido por Jacome de Bruges, umas ilhas açorianas. No documento de doação há uma referência à "ilha", descoberta por Sancho Brandão. As ilhas Flores e Corvo foram doadas em 1464 à uma senhora de Lisboa, D. Maria de Vilhena. O flamengo Guilherme Van Den Haagen, em nome da donatária, recebeu o documento de doação. Nesta também há uma referência à "ilha do pau-brasil".

Aprecie esta iguaria, retirada de uma livro muito raro:
Antiga História do Brasil de 1.100 a.Chr. até 1.500 d.Crh, de Ludovico Schawennhagen, 1a. Parte:

"Em 1473, chegou em Lisboa o açoriense Fernando Telles, mostrou o seu roteiro e apresentou o mapa duma longa costa, com muitas ilhas, furos e rios, declarando que essa costa pertencia à grande ilha das sete cidades. Era a costa do Norte do Brasil, entre Maranhão e Ceará, com o delta do rio Parnaíba.

O rei D. Afonso V e a junta dos Matemáticos, presidida por seu filho, o futuro rei D. João II, acharam a descoberta de Fernando Telles muito importante, mas não consentiram que Telles recebesse a tal reclamada carta de doação para a ilha das Sete Cidades.

Uma carta de doação não lhe foi recusada, mas em seu teor ela evitou aquela denominação e falou só de uma grande ilha ocidental que Telles pretendia povoar.

Os documentos desses descobrimentos e as cópias das respectivas cartas de doação estão guardados no Arquivo de Tombo, na repartição das ilhas. Foram publicados na ocasião do centenário da independência do Brasil".

ESPIONAGEM?

Em 1498, D. Manuel mandou secretamente o capitão Duarte Pacheco Pereira explorar a América do Sul e verificar a sua posição astronômica. Duarte se reporta à D. Manuel nos seguintes termos:

"E por tanto, bem-aventurado Príncipe, temos sabido e visto como no terceiro ano de vosso Reynado do hano de Nosso Senhor de mil quatrocentos e noventa e oito, donde nos vossa Alteza mandou descobrir a parte ocidental, passando além da grandeza do mar ociano, honde he achada e navegada huma tam grande terra firme com muitas e grandes Ilhas adjacentes e ella que se estende a setenta graaos de Ladeza da linha equinocial contra o polo arctico... ... por esta costa sobredita do mesmo circulo equinocial em diante por vinte e oyto graaos de Ladeza contra o polo antarctivo he achado nella munto e fino brasil, com outras muitas couzas de que os navios deste Reyno vem grandemente carregados".

Ao citar as coordenadas da terra com abundante e fino pau-brasil, Duarte Pacheco não deixa dúvidas que se tratava da América do Sul.

UM APÓSTOLO NO BRASIL

Consta no livro Antiga História do Brasil de 1.100 a.Chr. até 1.500 d.Crh, do Dr. Ludovico Schawennhagen, 1a. Parte:

"AS VIAGENS DO APÓSTOLO SÃO TOMÉ AO BRASIL (50 a 60 D.C.).Na antiga literatura cristã encontramos a tradição de que o apóstolo São Tomé pregou o Evangelho nas costas e ilhas do Nordeste da África. O nome S. Tomé foi dado àquela ilha, devido à essa tradição. Diz-se que o apóstolo morreu velhíssimo, num país muito longínquo.

Os primeiros padres portugueses que chegaram ao Brasil ouviram dos piagas que já mil anos antes chegara um Sumé que ensinou uma nova religião. Ele fez longas viagens pelo interior e ganhou muitos crentes. O padre Antônio Vieira escreveu muitas vezes estar convencido de que um apóstolo de Cristo já andara no Brasil. Ele pensava que o nome Sumé era uma modificação de Tomé. Isso é um erro; a palavra Sumé, como nome de um alto sacerdote, pertence à antiga pelasga (lingua fenícia).

Os tupis deram esse nome ao apóstolo para venerá-lo.

Os piagas mostraram aos padres diversos sinais de pés que significaram que ali estivera o Sumé, cercado por seus amigos e adeptos. Tais sinais de pés existem no interior de Alagoas, onde os padres deram ao rio, que passa ali, o nome de S. Tomé. O mesmo sinal existe em Oeiras, no Piauí, e o povo sempre venerou esse sinal, desde a antigüidade. A forma do pé, gravada numa chapa de pedra, é uma placa comemorativa, usada pelos povos antigos para indicar que naquele lugar esteve um homem que foi um benfeitor do povo". Continua...

“A travessia de S. Tomé pelo Atlântico nada tem de milagrosa. Naquela época, a população das Canárias e das ilhas de Cabo Verde tinha ainda bons conhecimentos do Brasil, e o zeloso apóstolo procurou uma caravela para ir com seus amigos pregar a nova religião aos povos do outro lado do oceano".

Mas seria possível existir colonização portuguesa anterior a Cabral?
Sim é possível, veja:

Antonio Rodrigues, Mestre Cosme – o Bacharel e João Ramalho, foram os primeiros moradores portugueses em São Vicente, aqui desembarcados em 1493, da esquadra de Francisco de Almeida.

Para comprovar apresento o precioso depoimento de Frei Gaspar da Madre de Deus em “Memórias para a História da Capitania de São Vicente” pág. 232. Este clérigo nasceu em Samaritá no dia 03/05/1715 e morreu em Santos em 28/01/1800.

Diz ele: - “Eu tenho uma cópia original do testamento de João Ramalho, escrito nas notas da Vila.
"Se pois na era de 1580 contava João Ramalho alguns 90 anos de residência no Brasil, segue-se que aqui entrou em 1490, pouco mais ou menos".

Afirma também o Frei, que João Ramalho viera junto com Antonio Rodrigues.

Mestre Cosme (vulgo Bacharel) era dono das terras do Japuí e do Porto das Naus, onde construiu um estaleiro, conforme se infere da Escritura lavrada em São Vicente pelo escrivão Antonio do Vale em 1542. Essas terras foram, posteriormente, doadas por Pero Correia à Confraria do Colégio dos Meninos de Jesus, dirigido pelos Jesuítas.

Esses portugueses foram trazidos na armada secreta enviada por D.João II (1455-1495) , logo depois do descobrimento de Cristóvão Colombo. É por isso que o Porto de São Vicente consta do mapa de Américo Vespúcio de 1501 e com esse nome, era conhecido na Europa em 1502, conforme abundante documentação.

PRÉSTIMOS CLERIGAIS

Devemos também aos prestimosos clérigos, que aportavam em nossas praias a gentil propriedade de “eliminar”; com a maior da boas intenções é claro; qualquer traço não puro ou não-cristão, como por exemplo as citações antigas de que indígenas da atual Paraíba, descobertos pelos jesuítas no final do século 16, utilizavam em seus rituais, livros feitos por eles, com a casca de uma determinada árvore da região.

Segundo os jesuítas, esses caracteres teriam sido ensinados pelo Diabo, e por esse motivo aqueles religiosos trataram de destruir os "livros malditos", bem como proibiram a difusão dos conhecimentos e ensinamentos ali contidos.

Esta tradição foi recolhida por diversos autores, sendo citada na obra do historiador inglês Robert Southey na sua obra História do Brasil , pag.253:

“ O padre Simão de Vasconcelos, no livro Crônica da Companhia de Jesus (do Estado do Brasil), edição de 1663, (que faz parte da Cronologia Literária Brasileira), cita que na Paraíba existia uma forma de escrita muito antiga, e que diversas palavras estavam gravadas em um penedo, na entrada da Cidade da Paraíba. Segundo aquele autor, os índios tinham feito as inscrições por "inspiração demoníaca”.

Padre Simão de Vasconçelos, foi reitor do Colégio do Jesuítas , no Morro do Castelo em 1646 e 1670. Sendo o Colégio dos Jesuítas, fundado no Rio de Janeiro logo após a expulsão dos franceses da Baia da Guanabara em 1567 e que funcionou até 1759, no Morro do Castelo, quando os jesuítas foram expulsos do Brasil.

EGO FERIDO DE SANTA CRUZ

Abaixo, o desabafo do Frei Vicente do Salvador, na sua obra *História do Brasil de 1627,* em que demonstra a grande angústia de ver os esforços dos emissários católicos de trocar o nome milenar desta terra em detrimento a palavra Brasil:

"O dia que o capitão-mor Pedro Alvares Cabral levantou a cruz , era a 3 de maio, quando se celebra a invenção da Santa Cruz em que Cristo Nosso Redentor morreu por nós, e por esta causa pôs nome à terra que havia descoberta de Santa Cruz e por este nome foi conhecida muitos anos. Porém, como o demônio com o sinal da cruz perdeu todo o domínio que tinha sobre os homens, receando perder também o muito que tinha em os desta terra, trabalhou que se esquecesse o primeiro nome e lhe ficasse o de Brasil, por causa de um pau assim chamado de cor abrasada e vermelha com que tingem panos, que o daquele divino. pau, que deu tinta e virtude a todos os sacramentos da Igreja..."

Quem era Frei Vicente do Salvador? Era Vicente Rodrigues Palha, nasceu em Salvador, Bahia em 1564 e morreu em 1639.
Cronologicamente, foi o primeiro historiador brasileiro. Sua obra História do Brasil, ficou inédita durante dois séculos e meio, e só foi publicada em 1889 por Capistrano de Abreu, que a encontrou na seção de códices da Biblioteca Nacional.

Assim se seguem os movimentos da sorte, tantos foram magoados os donatários da Terra de Santa Cruz e de Vera Cruz, tanto a nobreza mercantil portuguesa. O Brasil, colônia portuguesa, nascia assim sob a égide do Demônio e das projeções do imaginário do homem ocidental. Que será que ocorreria, se não fossem os esforços de Lúcifer, expressos na narrativa, pondo tudo a perder?

HENRIQUE JOSÉ DE SOUZA E O REI BADEZIR

O Prof. Henrique José De Souza, foi presidente-fundador da Sociedade Teosófica Brasileira na década de 60. De seus escritos apresento esta preciosidade sem par:

"Tyro era a capital da Fenícia (1200 a C.). Nela estava firmada a corte do Rei Badezir, então viúvo. Do seu consórcio nasceram oito filhos. O primogênito como muito bem decifrou Bernardo Ramos, chamava-se Yetbaal (o deus branco). Os outros sete irmãos o odiavam por ter sido aquele a que Badezir mais amava, seja pelos seus dotes espirituais, seja pela sua alta inteligência, por isso mesmo o seu melhor conselheiro. Os próprios sacerdotes o respeitavam e muito o queriam. Entretanto, já de certo tempo, se tramava na corte a expulsão do imperador (pai) e de seus dois filhos, pois que o primogênito não era mais do que uma parelha de seres irmãos gêmeos. Finalmente, eis que chega o momento da expulsão que, diga-se de passagem, não foi levada a efeito pelo sangue de irmãos, nem pelo próprio povo que antipatizava com os sete filhos de Badezir, amando e respeitando os dois primeiros, assim como ao próprio imperador, pela sua virtude e obediência às coisas divinas. Com essa revolta, insuflada por alguns elementos das castas império fenício... Nos outros navios, além de gente do povo, vinham mais 49 militares, também expulsos do país, por terem ficado ao lado do rei Badezir e seus dois filhos mais velhos... E mais 222 que, a bem dizer, era a elite do povo fenício.
E assim vieram em demanda as novas plagas cujo nome Brasil, não se origina da cor de brasa da madeira que tem esse nome (pau Brasil) e, sim, do nome do rei fenício BADEZIR (Basil ou Brasil, segundo Henrique José de Souza).

BRASIL UMA PALAVRA DE ORIGEM REMOTA

O estudioso irlandês O'Connor Daunt em 1848 defendeu no Rio de Janeiro a tese de que o nome Brasil vem do topônimo irlandês Hy-Brazail, ilha do Atlântico referida pelos antigos irlandeses. Na lingua celta Breasail, que significa 'princípe'.

Para Monsenhor Fergus O'Connor de Camargo, nascido em 1849, doutor em canones, professor de teologia no seminário episcopal de S. Paulo, vigário geral da diocese de S. Paulo de 1895 a 1897, cita em seus estudos de 1890 que a síncope do ee do segundo a determinam a mudança de" breasail em brasil", grafado com **s**.

A transposição deste sentido da lógica da palavra se deve aos príncipes que trajavam roupas vermelhas, donde o vocábulo celta passaria a designar o madeiro de mesma cor usado em tinturaria.

Os povos do tronco celta, como os fenícios, que usavam a palavra *braaz (q.s. grande)* deixavam-na como rastro nas áreas por onde passaram, como informa Antoine Fabre D'Olivet (1768 à 1825).

Fato importante é notar que o nome *brazil* que não existia no dialeto nativo brasileiro *Wirapitãng* ou no Tupi *karai-été,* durante os primeiros estudos a respeito da língua nativas. Posteriormente foram incorporados por assimilação de vizinhança com os portugueses.

Veja leitor, o nome que foi dado por Piri Reis para estas terras:

"*Há uma espécie de tinta vermelha, chamada de "Vakami", que não é percebida à primeira vista, porque está a uma distância ... as montanhas têm ricos minérios...*"

A VERSÃO DE H. CYRUS GORDON

Cartago (KAR-tago, cidade dedicada a KAR), a maior das colônias da Fenícia (Fenícia era o nome que os gregos davam a KAR-tago e depois os romanos dariam o nome de Síria), sobreviveu e prosperou até herdar da antiga metrópole o comércio pelo mar.

Heródoto, o pai da história, nos conta que "o Senado de Cartago baixou decreto proibindo sob pena de morte que se continuassem fazendo viagens para esse lado do Atlântico" já que a contínua vinda de homens e de recursos estava despovoando a capital.

E existe a famosa inscrição da cabeça da Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro, bastante conhecida, que traduzida revela:

LAABHTEJ BAR RIZDAB NAISNEOF RUZT ou seja,, leia de trás para frente, seu significado é: versão do Prof. Brnardo A da Silva em 1963.

“Tyro Phoenicia, Badezir primogênito de Jethbaal”.

Ou pelo Prof. Gordon, lido no sentido normal:

“*Aqui Badezir, rei de Tiro, primogênito de Jetbaal”*.

Em fins do século passado foi encontrada, em Pouso Alto, localidade da Paraíba, uma pedra com uma inscrição em escrita arcaica. Submetida a Ladislau Neto, reputado intelectual e precursor do estudo da Pré-história do Brasil, a escrita foi por ele identificada como fenício e traduzida para o português. Depois de anos de acirrados debates, inclusive na imprensa mundial, esta inscrição, que terminou por ser considerada apócrifa pelos historiadores luso-brasileiros que com nacionalismo rígido colocou “longe das vistas” dos outros brasileiros a verdade.

Recentemente, voltou a ocupar a atenção dos estudiosos, graças às pesquisas feitas pelo Dr. Cyrus Gordon, da Brandeis University, Boston, uma autoridade contemporânea em línguas mortas. No seu livro consta que os vocábulos e a construção gramatical que levantaram suspeitas sobre a autenticidade da inscrição de Pouso Alto nos fins do século 19 são precisamente o que hoje atesta sua veracidade. As palavras e formas gramaticais, declaradas e insuspeitas naquela época, foram autenticadas por inscrições descobertas desde então em escavações fenícias feitas na área do Mediterrâneo.

Gordon afirma que nenhum mistificador poderia ter forjado, há um século atrás, vocábulos e formas fenícias que só se tornariam conhecidos muitos anos depois. Não tem sentido.

Na tradução de H. Cyrus Gordon do trecho do seu livro "The authenticy of the phoenician text of Parahyba", editado em Boston, diz simplesmente isto:

"Somos filhos de Canaan, de Sidon, a cidade do rei. O comércio nos trouxe a esta distante praia, uma terra de montanhas.

Sacrificamos um jovem aos deuses e deusas exaltados no ano 19 de Hiram, nosso poderoso rei.

Embarcamos em Ezion-Geber, no Mar Vermelho, e viajamos com dez navios. Permanecemos no mar juntos por dois anos em volta da terra pertencente a Ham (África), mas fomos separados por uma tempestade e afastamo-nos de nossos companheiros.

E assim aportamos aqui, doze homens e três mulheres, numa nova praia que eu, o Almirante, controlo. Mas auspiciosamente possam os exaltados Deuses e Deusas interceder em nosso favor".

PARTE III

BRASIAE

Uma história muito importante e bem menos conhecida, que me foi passada pelo Prof. Enrico Clemente Mattievich Kunich, eminente Físico e Arqueólogo e que consta na sua obra “Viagem ao Inferno Mitológico, especificamente detalhada no capítulo VI- Cadmo Vence a Serpente Geográfica”, onde temos as ligação da palavra Brasil a uma antiga cidade grega chamada> Brasiae.

Contemporânea do legislador “Sólon” que era avó de Platão, que se declarava “ Um Homem Lacônico” embora não tivesse nascido lá, esta região da Grécia por causa do modo de vida com que era conhecida este pedaço da Grécia. Este modo de vida muito austero é que deu lugar ao termo “vida espartana”, que significa - vida rigorosa e sem luxo algum.

O nome antigo de Lacônia, foi citado por Homero com o epíteto de "A Amável Lacedemone". Parecia pelas indicações do versos um lugar agradável e de belas paisagens. É possível que há quatro milênios estivesse recoberta por grandes bosques.

Segundo alguns, este nome se devia ao herói Laco ou Lacedemone; segundo etimólogos modernos se devia a Lacus ou Lacuna, devido ao profundo vale rodeado por montanhas, pelo qual corre com largura o rio Eurotas.

No meio de Lacônia, a Oeste do que foi a cidade de Brasiae, está Esparta, banhada pelo rio Eurotas. Seus habitantes , chamados “espartoi” se diziam ser “homens semeados”, que se diziam descender dos dentes semeados por Cadmo , narrativa que se encontra na Epopéia de Ovídio, Metamorfoses, 3º livro, versos 129-130:

“O herói emigrado de Sidon os tomou por companheiros de seus trabalhos, quando fundou a vila prescrita pelo oráculo de Apolo”.

Narravam os habitantes da cidade de Brasiae, que a filha de Cadmo-Semele, após ter de Zeus seu filho- Dionísio, foi depositada num cesto, e junto a seu filho foi lançada nas costas da cidade litorânea de Brasiae. E que antes, a cidade, se chamava: Oreiatae, foi mudada por Brasiae.

Efetivamente, Brasis, expressa em grego a ação pela qual as ondas arrojam na praia os objetos que flutuam no mar. Quando Pausarias se refere aos habitantes de Lacônia dá o nome do lugar ao qual foram levados os homens e seus objetos pelas ondas do mar.

Brasilas ou Brasidas, eram nomes próprios de pessoas encontradas na cidade de Esparta, sendo que Brasis significa borbulho da água, fermentação e fervura. Também significa a ação de rejeitar, por borbulho na praia.

Outro fato que chama atenção é a ligação deste borbulho com o nascimento da deusa Afrodite que significa para Hesiodo na sua obra "Teogonia, a origem dos deuses" versos 155-200, "espuma do mar", já que Afrodite, segundo ele, teria nascido das águas após a mutilação do pênis de Urano pelo seu filho Cronos.

Romulo S. C. Marinho me relatou que nesse tempo Zeus, ainda não tinha ascendido a hierarquia de Deus Absoluto, acontecendo isso muito mais tarde.

CAESALPINIA ECHINATA

Esta planta foi classificada em 1780 pelo naturalista francês Jean Baptiste Pierre Antoine de Monet de Lamark, que nomeou-a Caesalpinia echinata. Diz-se que o gênero “Caesalpinia” foi criado em homenagem a André Cesalpino, médico particular do Papa Clemente VIII que reinou de 1592 a 1605.
O seu complemento “echinata” seria proveniente do grego “ouriço” e se refere aos espinhos da casca da semente do pau-brasil.

No entanto, se separarmos as palavras temos: Caesa (Do latim, Caesar= César), pinia (Do tupi, que foi língua corrente no Brasil por 300 anos: pi'nima=pintado) e echinata (Do grego= ouriço do mar). Assim nada tem a ver com o nome do médico em questão.

O filólogo paulista Bernardino Ferraz de Campos defendeu, no jornal “O Município, de 18 de abril de 1896” e números seguintes, a tese do Brasil ter sua origem no vocábulo da língua Tupi < ibira-ciri>, onde ibira= 'pau' e ciri= 'arrepiado', com a seguinte evolução:
ibira-ciri > biraciri> biracar> bracir > brasil.

Partindo da lógica e da coincidência de sentido do Tupi “ciri” e do Latim echinata (de Caesalpinia echinata= planta 'pau-brasil'), ambos significando “eriçado ou também cheio de espinhos”.

Argumentava ele na época que ibira-ciri passou de designação Tupi da madeira vermelha ao nome do território brasileiro.

Outros nomes populares podem ser associados ao nome da planta do pau-brasil, são:
“Ibirapitanga, orabutã, arabutá, brasileto, ibirapiranga, ibirapita, ibirapitã, muirapiranga, pau-rosado, pau-pernambuco”.

A ROUPA NOVA DO IMPERADOR

Nos tempos coloniais a árvore do pau-brasil depois de cortada, era exportada para a Europa e Ásia em toras de 1,5 metros que depois se fazia cavacos para se tingir tecidos.

Estes cavacos moídos de pau-brasil eram usados para tingir linho, seda e algodão. Seu princípio colorante era denominado 'brasileína". Ele concedia aos panos um "suntuoso tom carmesim ou purpúreo"; a cor dos reis e dos nobres.

Uma espécie semelhante (Caesalpinia sappan) nativa de Sumatra, nas Índias, comercializada pelos venezianos via Turquia e Egito, era vendida na Europa desde a Idade Média. A variedade encontrada no Brasil, porém era muito superior e substituiu por completo a equivalente oriental. Por estar mais próximo a qualidade do púrpura produzido pelo crustáceos do mar.

Consta na carta enviada para o rei D. Manoel I, pelo navegador Américo Vespúcio:
"Nessa costa, não vimos coisa de proveito, exceto uma infinidade de árvores de pau-brasil (...) e já tendo estado na viagem bem dez meses e visto que nessa terra não encontrávamos coisa de minério algum, acordamos nos pespedirmos dela". Américo Vespúcio chamou este lugar de "Terra do Brasil".

O nome "Caesalpinia" tem sua explicação nos seguintes fatos que descreverei a seguir.

O CIRCO

Servia de hipódromo destinado a corridas de carros de cavalos chamadas bigas, conduzidos por pilotos de nome aurigas. A sua capacidade elevava-se aos 30.000 espectadores.
“Panem en Circenses” foi a forma usada pelos Governadores Romanos para distrair as massas populares ociosas, que diariamente acorriam aos principais centros populacionais.
As equipes mais antigas e populares vestiam os seus aurigas de vermelho, de verde e de azul. Mais tarde apareceram mais duas outras cores: ouro e púrpura.
Os intelectuais romanos criticam este amor cego não pela excelência da arte de conduzir, mas por panos de certa cor cobertos de pó e suor”.

Temos aqui um outro relato que também parece com outros atos circences dos romanos, no entanto é o lado triste e penoso, que consta na maioria das edições da Biblia, Novo Testamento,
Apóstolo S.JOÃO-19.:

1-Pilatos, pois, tomou entäo a Jesus, e o açoitou.
2 E os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, lhe puseram sobre a cabeça, e lhe vestiram roupa de púrpura.
3 E diziam: Salve, Rei dos Judeus. E davam-lhe bofetadas.
4 Entäo Pilatos saiu outra vez fora, e disse-lhes: Eis aqui vo-lo trago fora, para que saibais que näo acho nele crime algum.
5 Saiu, pois, Jesus fora, levando a coroa de espinhos e roupa de púrpura. E disse-lhes Pilatos: Eis aqui o homem.
6 Vendo-o, pois, os principais dos sacerdotes e os servos, clamaram, dizendo: Crucifica-o, crucifica-o. Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós, e crucificai-o; porque eu nenhum crime acho nele.

A Fenícia foi um dos países mais prósperos da antigüidade. Suas cidades desenvolveram uma florescente indústria, que abastecia os mais distantes mercados. Objetos de madeira talhada (cedro e pinho) e tecidos de lã, algodão e linho tingidos com a famosa púrpura de Tiro. Esse produto era inigualável em beleza e brilho.

Mas o que é Purpura ou Carmesim?
PURPURA é uma palavra do Latim que significa: matéria corante vermelho-escura próximo ao violeta. Era largamente utilizada pelos antigos para tingir tecidos tinha grande valor comercial, siguinificava também o nome de uma ostra.

E cor da púrpura?
É a cor vermelha viva, puxando para o azul. Era também o tecido purpurino um símbolo de riqueza ou de alta dignidade social; era o vestuário de reis. Significava também o trono real; a dignidade cardinalícia. Entre os romanos, representava a alta casta, era o homem elevado a dignidade de cônsul com o uso desta côr. E também da sensualidade.

Esta côr era obtida segregado-se a glândula anal de um gênero de moluscos gastrópodes- muricídeos como por exemplo, os da espécie Murex senegalensis, que inclui espécies que fornecem a tinta de cor púrpura. Esta denominação também é dada a outros moluscos muricídeos que também fornecem essa tinta.

A cor da sensualidade?
A vaidade humana produziu o Batom, largamente utilizado pelas mulheres deste tempos remotos, na busca de um aspecto mais sensual. As do mundo antigo, da época de Nefertite, esposa do faraó Akenaton, usavam a “purpura de Tyr” (Tiro), enquanto as gregas aplicavam uma raiz de nome “polderos”, juntada com cera de abelha que dava brilho, aroma e umidade aos lábios.

UMA COR FORTE PARA UM HOMEM PODEROSO

Os fenícios nunca chamaram sua terra de fenícia; o nome era, Caru do país e do seu povo. Existiam também os nomes Cannaã para o litoral e Araméia para a parte montanhosa.

O nome Tiro, como apelido, significando "mercadores de tintas da ave fabulosa Fênix". A cidade de Tiro teve 300 tinturarias e fábricas de tintas finas, cujos segredos químicos os gregos nunca descobriram e nem os romanos seus posteriores.

No entanto, o erudito filólogo , professor de gramática histórica Antenor Nascentes, explica que, o nome Fenício veio do grego Phoinikeioi, derivando o Latim Phoenicios. O termo grego vem de Phoinix, que significa "cor vermelha", púrpura. É fato que na cidade de Tiro fabricavam a famosa tinta de púrpura, obtida das glândulas de um marisco chamado "Murex" e usada como corante de tecidos.

O púrpura era a mais cara e a mais desejada das cores que havia na antigüidade. Veja o valor altíssimo que tinha no meio da sociedade romana na época de Gaius Julius Caesar (102-44 a.C.)

"Um ano depois, retornou a Roma e seu posto na Ibéria, garantia-lhe uma entrada no Senado. Como senador, podia orgulhosamente ter uma faixa púrpura, extraída de caracóis marinhos, em sua túnica"- Plutarco, biógrafo e ensaista grego (106 à 43 a.C.).

Se com somente uma faixa se podia dizer o grau de elevação social que uma pessoa tinha, imagine o que era ter um manto inteiro desta mesma cor. Em 46 a. C., Júlio César que se abreviava como I. CAESAR, desfila aos 54 anos de idade, fulgurante por Roma:

"Então ele teve a oportunidade de desfilar em triunfo, vestindo um manto púrpura e com as bochechas pintadas de vermelho. O manto foi decorado com sóis e estrelas douradas...."

E mais ainda, quem poderia imaginar alguém com tamanho poder e riqueza para ter uma roupa de cima a baixo desta cor. Vejamos o mesmo I. Julius Caesar em 44 a.C.:

"Agora o Ditador vestia uma toga completamente púrpura e o seu aniversário foi declarado feriado público e mais tarde –Quintilis, o mês de seu nascimento, passou a se chamar Julius ou Julho".

O fascínio da cor era tanto, que mesmo na morte ela era consolo:

"Ao entrar no teatro, César foi cercado, seus assassinos sacaram suas adagas e o atacaram, esfaqueando-o vinte e três vezes. César caiu, cobrindo seu rosto com sua toga púrpura, para que ninguém o visse morrer".

Portanto, o nome dele da planta do pau-brasil, foi dado em honra, querendo ou não, ao grande imperador e tirano Gaius Julius Caesar e sua associação assim foi definida para sempre com o uso do nome do mês de Julho para a maioria dos países do mundo.

E quando foi que declinou o valor desta côr?

A resposta nos dá o narrador Eusébio de Cesaréia (265 à 340 d.C.) primeiro historiador da Igreja cristã, falando a respeito do imperador Constantino, semanas antes de sua morte, na sua cerimônia de batismo cristão, relata como o Papa-Rei, passa a vestir-se de branco radiante em detrimento ao púrpura:

"Ao final da cerimônia ele se vestiu com um manto imperial radiante, tão brilhante quanto a luz. Declinou-se num sofá e nunca mais vestiu roxo (púrpura)..."

FINALIZANDO

Gostaria de apresentar mais algumas classificações de nome Brasil que de 1351a 1508, teve múltiplas variações:
"BRAZI, BRACIR, BRASIL, BRASILL, BRAZIL, BRAZILE, BRAZILLE, BRAZILL, BRACIL, BRASIL, BRAÇILL, BERSIII, BRAXIL, BRAXILI, BRAXILL, BRAXYILLI, BRESILGE " .

Além da multiplicidade de nomes e vocábulos diferenciados pelos usos e costumes de cada nação: Fenícia, Grécia, Roma e Europa, o que persiste é a idéia aludida ao que relatou o já citado Frei Vicente: de que o demônio perdera o controle sobre a Europa - cristianizada durante 500 anos - e se instalara, vitorioso, na outra banda da terra - a América e mais especificamente no Brasil. Ele aqui foi vitorioso por que fez esquecer das mentes de todo o povo da colônia do nome imposto pela igreja.
Na verdade a igreja é que desejava renomear o Brasil, com o pseudônimo de Terra de Santa Cruz e Vera Cruz, como fez com outros países colonizados pelos impérios portugueses e espanhóis, fazendo seus povos esquecerem-se de suas reais origens e assim tornando mais fácil a sua dominação.

Pensando nos relatos acima citados, creio que Caius Julius César, deu real notoriedade a cor púrpura, mas foram os Cários que realmente originaram o sentido e o sentimento do nome Brasil. Os fenícios estão nos: vocábulos do Tupi, do Guaraní, no Quetchua peruano, nos dialetos dos grupos Gê brasileiros, esculpido nas pedras e nas selvas e sertões do Brasil. Estão também nas carrancas do São Francisco, guardados na mítica popular da religiosidade mista do nosso povo.

Acredito que o nome Brasil, tem origem no vermelho púrpura das tinturarias de Tyro, uma das antigas capitais da Fenícia. Muito mais ainda, na graça das mulheres que faziam dele seu objeto de expressão de sensualidade e que através do comércio com os gregos e troianos, conseguiu um lugar de destaque no mundo antigo.

E no fato da reconhecida admiração, que esta cor tinha e da imagem de sensualidade e vida que ela em si mesma representava, o grande império do Egito tratou logo de espalhar seu valor pelo mundo conhecido. Faço notar também que, a pedra mais perfeita, ideal para adornar os palácios da rainha Cleópatra em forma de vasos e placas, eram de matizes azul profundo e púrpura, que vinham das distantes planícies da África.

Tão valiosa quanto o ouro, mais impressionante que a prata, tão difícil de se conseguir e se adquirir quanto as pérolas negras, o púrpura influenciou tanto o lado emocional quanto o espiritual das pessoas da época.

Assim, passando de geração em geração, de reis e imperadores, comerciantes e clérigos abastados, o púrpura foi se fortalecendo e se transformando em objetos de desejo, devido ao extremo valor emocional e social que carregava, modificou hábitos e consagrou figuras até hoje muito conhecidas.

O ato de transformar uma coisa e dar-lhe mais valor agregado era até simples embora custoso, era faze-lo purpúreo. Em 1500, quando da chegada das caravelas de Cabral a estas terras, o pau-brasil já era uma madeira muito desejada pelos comerciantes e produzia uma tinta popular, que fazia a alegria da classe burguesa da época. Levada aos mercados da velha Europa, seu valor era só igualado ao ouro ou a pimenta do reino e cravo da índia.

Portanto, o que deu nome ao nosso país, não foi o pau-vermelho de cor de fogo ou o nome da sua simples classificação botânica, mas sim as vozes dos milênios passados, que elevaram a cor purpura as alturas e o fincou na alma das pessoas, na sua face emocional e na ascenção social que a palavra Brasil representava, a quem o descobrisse ou o tocasse.

Muito Obrigado.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIA, mensagem de Deus, Novo Testamento, LEB editora Loyola, SP, 1982.

BILAC, Olavo. Poesias, Coleção Prestígio, ed. Tecnoprint S.A, SP, 1978.

BRACELOS, João. Brazil, um nome de origem celta, ed. jornal O Cotidiano- ed. Agosto, Cotia, SP, 1992.

CARVALHO, Joaquim Barradas. La Traduction Espagnole du "De Sitv Orbis de Pomponivs Mela par Joan Faras et les Notes Marginales de Duarte Pacheco Pereira", Centro de Estudos de Cartografia Antiga, seção Lisboa, n. 15, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisboa, 1974.

COLEÇÃO Enciclopédia Britânica Brasileira. O nome do Brasil, ed. Cd'Room, SP, 2000.

CHAVES, Frutuoso. Cheia do rio agrava erosão da Pedra do Ingá e ameaça inscrições de 3 mil anos, ed. jornal do Commercio, Recife, 08.05.2000.

DAEHNHARDT, Rainer. Origem do nome brasil, a missão templária nos descobrimentos, ed. Nova Acrópole, Lisboa, 1993.

DÄNIKEN, Erick Von. Eram os deuses astronautas, enigmas indecifrados do passado, ed. Circulo do Livro, SP, 1976.

DICIONÁRIO Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico, Volume II, ed.papel 1904-1915 editor João Romano Torres, edit.elet. Manuel Amaral Portugal, Lisboa, 2001.

BIBLIOGRAFIA Continuação:

DONATO, Hermani. História do calendário, 3ª edição, Prisma, ed. Melhoramentos, SP, 1993.

EUSEBIO DE CESAREA. História eclesiástica. Escrituras apócrifas, patrísticas e históricas relacionadas a Bíblia e seu cânone, Argentina, 2001.

GILGAMESH, REI DE URUK. Poema traduzido das placas de argila I-XII. Biblioteca de Nínive, ed. Monolito, Index I,e II, tradução p/ português Vivian Cáfaro & Gijs Andriessen, 2001.

GILGAMESH, REI DE URUK ed. Arts Poética, São Paulo, 1992.

HANCOCK, Graham. Impressões digitais dos deuses, Ed. Record, SP, 1997.

HAPGOOD, Charles H. Mapas dos Antigos Reis dos Mares, evidência de civilização avançada na idade de gelo, traduzido de Maps of the Ancient Sea Kings, ed. Chilton Books, Philadelphia e New York, 1965.

HESÍODO. Teogonia, a origem dos deuses, ed. Iluminura, SP, 1992.

HOMERO. Odisséia. Tradução Jaime Bruna, ed. Cultrix, São Paulo, SP. 1982.

INAN, Alef. The oldest map of América, Ankara, 1954, tradução da SBMRJ, Sociedade Muçulmana do Rio de Janeiro. Presença muçulmana nas Américas, o mapa de Piri Reis, o mais antigo da América, RJ, 2001

BIBLIOGRAFIA Continuação:

MATTIEVICH, Enrico. Localização geográfica do inferno mitológico, CBPF, RJ, 1986.

MEWUDA &, Joseph Bato'Ora Ballong e Wen. Fortalezas e expansão portuguesa, o forte de São Jorge da Mina, atual Elmina -República de Ghana, revista Oceanos 28, ed.CNCDP, Lisboa, 2001.

MOTA, Avelino Teixeira da. Duarte Pacheco Pereira- Capitão e Governador de S. Jorge da Mina ", in Mare Liberum, nº 1, Instituto Camões, Lisboa, 1990.

MODERNA Enciclopédia Universal. Vol. XI. Círculo de leitores, ed. Lexicoteca, RJ, 1987.

NETTO, Pedro d'Alcântara Freire. O que os livros esqueceram de contar: os mistérios da Pedra a Gávea, 1988, RJ.

ALCORÃO SAGRADO, trad. Mesquita Islâmica de Curitiba, Samir El Hayek, SP, 1415 H., 1994.

PERES, Damião. Américo Vespúcio e a expedição de 1501-1502, resposta a Marcondes de Sousa, ed. Portucalense, Porto, 1949.

PEREIRA, Paulo Roberto. Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999, p.67-70.

PORTELLA, Hernani M., O Brasil Fenício, ed. jornal Diário de São Paulo, SP, 12.03.1961.

POMPONIUS MELA: De Chorographia Liber Secundus. The Classics Page At Ad Fontes Academy, ed. Latin Texts Library, Northern Virginia, 2001.

BIBLIOGRAFIA Continuação:

PRÉ-HISTÓRIA brasileira, fatos e lendas, vários autores, Quatro Artes, série Brasil, ed. Cuplo, 1975.

PLUTARCO DE QUERONÉIA. Vida dos homens ilustres, tradução Jaime Bruna, ed. Cultrix, SP, 1982.

RELATOS do núcleo de antigos alunos do colégio Santo Inácio, Rio de Janeiro, RJ,1993.

SANTO, Moisés Espírito. A lenda Brasil. Dicionário fenício-português contendo os glossários das línguas e dialectos falados pelos fenícios e cartagineses: cananita. Acadiano. Assírio e hebraico bíblico , Instituto de
Sociologia e Religiões da U.N.L. Lisboa , 1999.

SINOPSE Cronológica da História Diplomática Portuguesa, Embaixador Fernando de Castro Brandão sobre a vida de D. Afonso Henriques, Ministério dos Negócios Portugueses, Arquivo Histórico Diplomático, OSCE, Lisboa, 2002.

SILVA, Carlos Mário Alexandrino. O Brasil de Portugal, ed. jornal Portugal em linha, SP, 25.11.2001.

SOUCEK, Svat. Piri Reis and Turkish Mapmaking After Columbus, Studies in the Khalili Collection, vol. II, Oxford University Press, Cambridge, 1996.

SOUTHEY, Robert. História do Brasil , Cia Melhoramentos, 1977.

SOUZA, Henrique José. Revista "Dhâranâ , Eubiose Ciência Da Vida, ed. Sociedade Teosófica Brasileira, vols. 1 e 2, RJ, 1963.

BIBLIOGRAFIA Continuação:

SOUZA, Laura de Mello e. O diabo e a terra de Santa Cruz, feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial, ed. Compania das Letras, SP, 1987.

SCHAWENNHAGEN, Ludovico. Antiga História do Brasil de 1.100 A.Chr. até 1.500 D.Crh, 1a. Parte, Imprensa Oficial, Teresina, 1929.

SCHEIDL, Ludwig e José A. Palma Caetano. Relações entre a Áustria e Portugal: testemunhos históricos e culturais, 8°ed, Coimbra, 1985.

ST. BRENDAN'S Search for Paradise, In A brief history of the European Myth of the Garden, press American Studies at the University of Virginia, 2001.

VELLOSO, Alvaro. Columbus discovered America earleir, ed. jornal Portugal On-Line, Lisboa, 2001.

VIDHYA-VIRTUAL, Revista Virtual Eubiótica, Ano I - nº 2 , Abril /Maio e Junho, SP, 2001.

TÁCITO. Anais. Tradução de J. L. Freire de Carvalho, Clássicos W. M. Jackson 25, RJ, 1970.

TELEGINSKI, Antonio. São Vicente, suas histórias e seus destinos, SP, 1995.

TITO LIVIO. História de Roma, Comentários da vida de Júlio César, ed. PAUMAPE, , 6 v, SP, 1990.

JOÃO ANTENÓGENES PRUDENCIO DA COSTA, nascido em 21.01.63, natural de São Paulo, SP, casado, 01 filha.
e-mail: joaocosta@ambiterra.com.br *ou* joaojoelma@hotmail.com

Formação Acadêmica

- *Tecnologia de Construção Civil, Faculdade de Tecnologia de São Paulo, 1993.*
- *Geografia, Bacharelado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Depto de Geografia, 1999.*
- *Geografia, Licenciatura, Faculdade de Educação, 2000.*

Cursos de Especialização

- *Desenho Mecânico, Escola Antônio Agú, 1984.*
- *Decoração, Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, 1994.*
- *Desenho Arquitetônico, Escola Argos, 1987.*
- *AutoCad R14 e Autocad 2000, Sistematrix Informática,1998 e 2000.*
- *Geoprocessamento: Laboratório de Geoprocessamento, Depto de Geografia, USP,1998.*
- *Uso e aplicações de GPS I e II: Ass. Geógrafos do Brasil, 1999.*
- *Geoprocessamento: Laboratório de Informática da Geociências, USP, 2001.*

Exposições e Publicações

- *Recomposição da paisagem do Rio Pinheiros-SP, Fundação do Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, Novembro de 2000.*
- *Comemorativo dos 447 anos da cidade de São Paulo, Radio e Televisão Cultura, São Paulo, Janeiro de 2001.*
- *Aspectos ecológicos e sociais da várzea do Rio Pinheiros-SP, Exposição Entre-Rios, Secretaria do Metropolitano e Eletropaulo, Março de 2001.*
- *CAD, GPS, Imagem Rater, apoio a geografia de campo, livro e CD`Room editado em SP e PB. Julho de 2002.*
- *Mapeando nos trópicos e semi-árido, SP, Setembro de 2002.*

FIGURA 01- No prefácio de seu livro *Bahrye*, Piri Reis descreve como se baseou e preparou este polêmico mapa, na cidade de Galibolu, entre 9 de março a 7 de abril de 1513. Em 9 de novembro de 1929, em uma prateleira no Museu do Palácio Topkapi, em Istambul, ele reapareceu. Abaixo a imagem deste magnifico mapa apresentando partes das costas da África , América e Antártica.

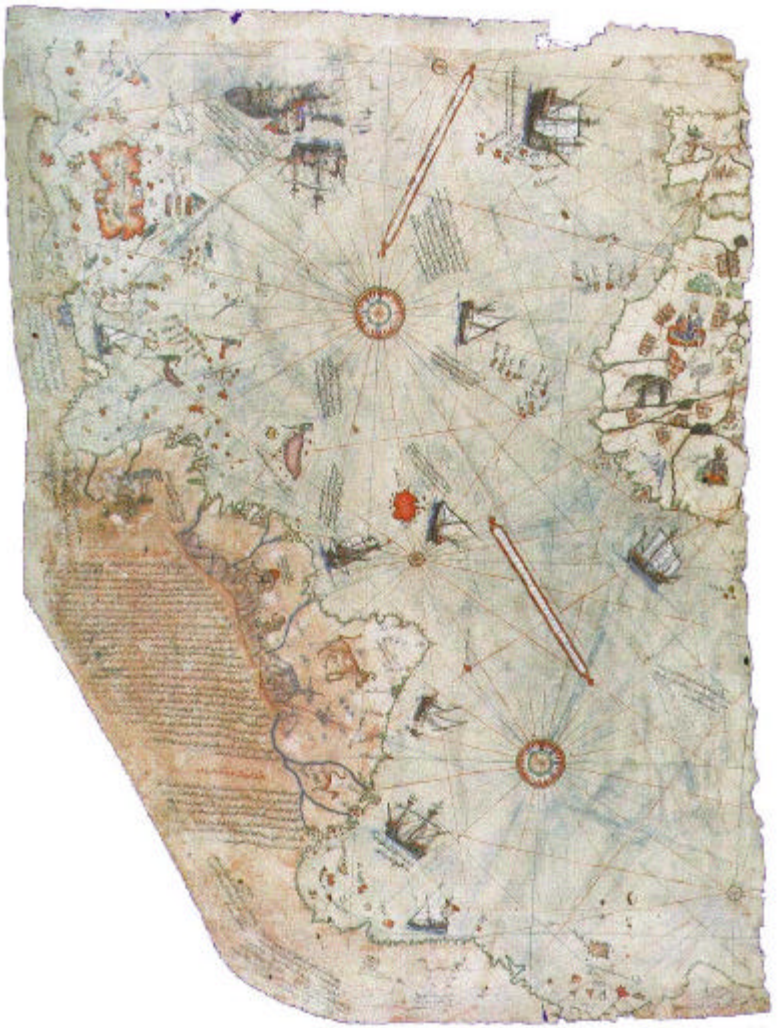


FIGURA 02- Detalhe da folha Physical Earth da National Geographic Maps, Washington, E.U.A., 1998, modificada na lateral, apresentando a Tripla Projeção de Winkel, Meridiano Central 0º, escala original 1:54.100.000, sobre imagem de satélite da costa do Brasil e parte da América do Sul.



FIGURA 03- Detalhe do Atlas Miller de Lopo Homem dos Reis de 1519, século XVI, da Biblioteca Nacional da França, apresentando muita semelhança com a imagem ao lado. Representando assim, a grande exatidão com que os levantamentos da costa brasileira já vinham sendo feitos desde o século XV.



FIGURA 04- Detalhe do mapa de Alberto Cantino que se encontra na Biblioteca Etense de Módena, Itália, que foi concluído em 1502, onde apresenta partes da costa da América e Norte do Brasil. Fato notório é que ele se apresenta remendado na ponta esquerda. Representado a possibilidade de, ter sido concluído esta parte do mapa depois, por motivos prováveis de "novas informações".

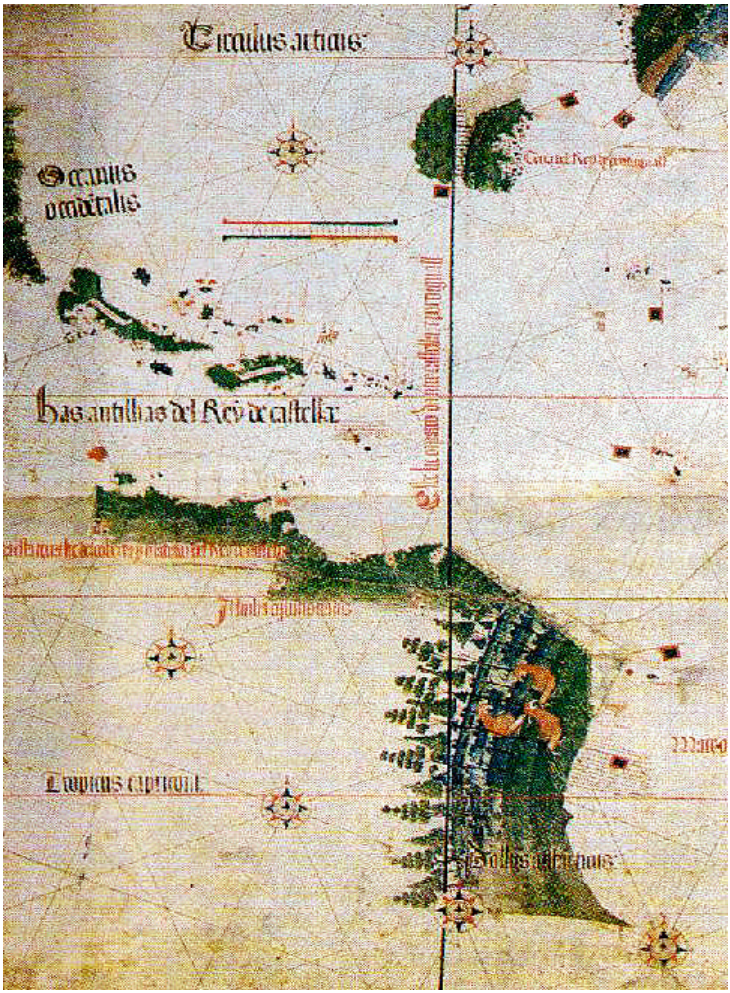


FIGURA 05- Mapa da Lacônia que consta na “Description of Grece” de Pausanias, Harvard University Press, USA, 1971. Nele podemos apreciar a cidade de nome Brasiae, no lado superior da folha e próximo a Sparta no lado continental.



FIGURA 06- Mapa do globo terrestre apresentando a Projeção Eqüidistante Azimutal centrada na cidade do Cairo, Egito.Força Aérea dos Estados Unidos da América-USFA.



O Geógrafo João Antenógenes Prudencio da Costa, formou-se pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, estudou também na Faculdade de Tecnologia de São Paulo e Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, além de outros cursos de Projetos, Cartografia e Geoprocessamento.

Em PURPÚREO: AS HISTÓRIAS DO NOME DO BRASIL, obra que tem por objetivo melhorar a interpretação dos fatos relativos ao nome de nosso país, consegue fazer uma ligação muito esperada:
o significado do nome brasil e suas origens remotas.

Um livro ideal para estudantes universitários, professores e interessados das áreas de geografia, história , ciências sociais e jornalismo.





PURPÚREO:
AS HISTÓRIAS DO NOME DO BRASIL

João Antenógenes Prudencio da Costa